

frédéric mauro e a escola dos *Annales*: da história econômica à “ciência econômica do passado”*

“frédéric mauro and the *Annales*’ school: from the economic history to the economic science of the past”

Roberto Pereira Silva**

Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Alfenas, Varginha, Minas Gerais, Brasil

RESUMO

Frédéric Mauro (1921–2001), historiador econômico francês, é considerado um seguidor e difusor da Escola dos *Annales* no Brasil. O artigo examina sua concepção de história econômica, colocando-a em diálogo com a escola historiográfica francesa, sobretudo com Fernand Braudel. Para tanto, recuperamos a recepção crítica de sua tese de doutorado, *Le Portugal et l’Atlantique au XVIIe siècle: étude économique*, publicada em 1960. Em seguida, apresentamos sua concepção de história econômica, destacando o diálogo que propõe entre a História e a teoria econômica. Após discussão desses elementos, fazemos uma breve comparação entre sua concepção de história econômica e a de Fernand Braudel.

Palavras-chave: Frédéric Mauro. Fernand Braudel. História Econômica. Escola dos *Annales*. História intelectual.

ABSTRACT

Frédéric Mauro (1921–2001), French economic historian, is considered a follower and spreader of the *Annales* School in Brazil. The article examines Frédéric Mauro’s conception of economic history, placing it in dialogue with the French historiographical school, especially with Fernand Braudel. To this end, we analyse the critical reception of his doctoral thesis, *Le Portugal et l’Atlantique au XVIIe siècle: étude économique*, published in 1960. Then, we present his conception of Economic History, highlighting the dialogue he proposes between history and economic theory. After discussing these elements, we make a brief comparison between his conception of Economic History and that of Fernand Braudel.

Keywords: Frédéric Mauro. Fernand Braudel. Economic History. *Annales* School. Intellectual history.

* O presente artigo é parte de uma pesquisa de pós-doutorado realizado no Centre Roland Mousnier da Sorbonne Université entre junho de 2018 e junho de 2019 sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Laura de Mello e Souza, a quem agradeço pela acolhida e pelos debates em seu seminário.

Submissão: 01/05/2020; aprovação: 13/06/2020.

** Professor do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas e do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Alfenas (PPGEconomia/UNIFAL-MG). E-mail: robertopereirasilva@outlook.com. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-8194-5086>>.

Introdução

Frédéric Mauro pode ser considerado um dos mais importantes historiadores franceses que se dedicaram aos estudos sobre Brasil, Portugal e América Latina. Aluno de Fernand Braudel e de Ernest Labrousse, sua obra, fortemente marcada pela história econômica e social dessa segunda geração da Escola dos *Annales*, ajudou a fortalecer o interesse pela história econômica do continente latino-americano em seu país de origem.

Um de seus trabalhos mais importantes é sua tese de doutorado *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle: étude économique*, defendida em 1956 sob a orientação de Fernand Braudel e publicada em 1960 na prestigiosa coleção “*Ports, routes, trafics*” da editora da *École Pratique des Hautes Études*¹. Trata-se de um estudo sobre o comércio português no Atlântico, dividido em três partes. A primeira aborda aspectos náuticos essenciais para a configuração das trocas: as rotas, as técnicas de navegação, a duração das viagens e os tipos de embarcação, delimitando as condições geográficas do intercâmbio estabelecido por Portugal com sua colônia americana. A segunda parte, verdadeiro estudo econômico pioneiro sobre o comércio português no Atlântico, analisa em diferentes capítulos os principais produtos que atravessaram o oceano: madeiras, escravos, açúcar, produtos do mar, trigo e outros artigos como vinho, sal e azeite. Essa investigação compreende a maior parte da obra, onde são examinados, para cada mercadoria, suas condições de produção, transporte e os regimes de comércio de cada um deles. Cabe um destaque especial ao açúcar brasileiro, único produto abordado em dois capítulos, não somente pelo escrutínio da contabilidade do engenho, mas também pela importância desse artigo para a economia portuguesa. A última parte, por sua vez, enquadra essas atividades no movimento de conjunto do Império: moeda e sistema monetário, as conjunturas políticas, os tratados comerciais e as formas de monopólio tornam-se os pontos nodais para captar a evolução geral desse “sistema de capitalismo comercial da Idade Moderna” no século XVII.

¹ Em uma segunda edição, revista, publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1983, Frédéric Mauro muda o título para *Le Portugal, le Brésil et l'Atlantique au XVIIe siècle: 1570-1670. Étude Économique*. A inclusão do Brasil no título, segundo Vidal (2003), é um indicativo do crescente interesse do país em suas preocupações.

Os interesses de Frédéric Mauro, contudo, não ficarão restritos à história econômica de Portugal e suas possessões no Atlântico. Em inícios da década de 1960, já professor de História Moderna na Universidade de Toulouse, embarca para o México, a convite da Unesco, para criar um curso sobre história econômica da América Latina na Universidade de Nuevo León. A partir dessa experiência, seu interesse se estende também à América Espanhola, e datam desse período seus primeiros artigos sobre a economia mexicana. Sob o ponto de vista metodológico, essa abertura para a América Latina é acompanhada de uma aproximação às teorias do desenvolvimento econômico e à história quantitativa. Sobre esta última organizará, em 1971, o importante colóquio, financiado pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), *L'histoire quantitative du Brésil de 1800 a 1930*. Nos anos oitenta, Frédéric irá se dedicar ao estudo das experiências de industrialização no século XIX, às quais dará o nome de pré-industrialização.

Durante todo esse período, Frédéric Mauro publicará diversos livros e artigos sobre temas ligados a Portugal, ao Brasil e à América Latina, exercendo um papel relevante como professor visitante em instituições no continente. Em sua primeira estadia no Brasil, em 1953, ministrou cursos na Universidade de São Paulo, retornando ao país em diversas outras circunstâncias, como congressos, seminários, cursos de graduação e de pós-graduação. Além disso, foi uma figura central na organização de associações para o estudo da América Latina e do Brasil, tendo participado, inclusive, de encontros da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE), em 2003 e 2006.

Essa extensa trajetória intelectual e institucional merece ser objeto de estudos mais aprofundados. O presente trabalho dedica-se ao exame mais detido de sua concepção de História Econômica e do diálogo que ela estabelece com a Escola dos *Annales*. Nossa hipótese é que a trajetória intelectual de Frédéric Mauro sugere uma certa autonomia em relação às concepções dessa escola historiográfica, sobretudo se pensarmos no diálogo proposto entre história e ciências sociais. Assim, iremos, em um primeiro momento, revisitar como os intérpretes situaram sua obra, no que diz respeito à sua ligação com os *Annales* e à sua influência no Brasil. Em seguida, recuperamos a recepção, na França e no estrangeiro, de sua tese de doutorado, *Le Portugal et l'Atlantique au XVII^e siècle: étude économique*. Nesse momento, daremos especial atenção às críticas recebidas

de membros dos *Annales*, notadamente, Fernand Braudel, Ernest Labrousse e Pierre Chaunu. Logo após, abordamos a concepção de história econômica de Frédéric Mauro, através dos textos que publicou durante a década de 1950 e inícios de 1960, enfatizando sua concepção do diálogo proposto entre história e teoria econômica. Finalmente, cruzamos os resultados de nossa análise com a concepção de história econômica proposta no mesmo período por Fernand Braudel, como forma de avaliar a independência de Frédéric Mauro.

Frédéric Mauro, historiador do mundo luso-brasileiro e latino-americano

Embora seja inegável a importância de Frédéric Mauro para a historiografia econômica brasileira, seu papel fundamental na criação de instituições de pesquisa e de cooperação internacional, seu esforço de formação e difusão de acervos bibliográficos e documentais sobre a América Latina e a ampla rede internacional de pesquisadores que interligou, na Europa e na América, sua produção e atuação ainda têm despertado pouca atenção nos universos intelectuais francês e brasileiro. Dispomos de um número relativamente pequeno de trabalhos sobre sua obra, a maioria dos quais lança um olhar panorâmico sobre suas contribuições para o estudo do Brasil e da América Latina.

A tese de doutorado de Guy Martinière, intitulada *Contribution à l'étude de l'économie rétrospective du Brésil: essai d'historiographie*, apresentada em 1973 e escrita sobre a orientação do próprio Frédéric Mauro, é pioneira no exame de sua obra. Destaca seu papel e o de Vitorino Magalhães Godinho como dois historiadores dos *Annales* que trouxeram inovações à historiografia econômica sobre o Brasil. Eles seriam responsáveis por – sob a influência de Fernand Braudel – “iluminar a parcela portuguesa dos problemas mundiais”, (Martinière, 1973, p. 71, tradução nossa). Para Martinière, ambos lançaram uma nova problemática sobre os estudos de História Moderna, a partir do contato da história com a geografia, sob inspiração braudeliana.

Isso é perceptível no debate sobre a existência do feudalismo em Portugal e no Brasil. Para eles, o Estado português nasce da junção de uma aristocracia agrária e dos comerciantes urbanos, que se unem pela

expansão ultramarina. Esse Império, cada vez mais mercantil, será para Frédéric Mauro um exemplo de capitalismo comercial. Sua intervenção no debate, contrariando as teses de que Portugal e o Brasil possuíam instituições feudais, destaca o papel dos mecanismos comerciais, das características mercantis do Império português, aproximando-se dos trabalhos de Antonio Sergio, Jaime Cortesão e Caio Prado Júnior.

Outro discípulo de Frédéric Mauro, Paul Vayssière (2002, p. 294), considera-o um “historiador do mundo ibérico” e sublinha a influência que exerceu sobre as novas gerações de pesquisadores dedicados à América Latina.

O autor aborda, sobretudo, os escritos metodológicos e sua concepção de história. Para ele, “Frédéric Mauro se apresentou como um ardente defensor do que podemos chamar de história dos *Annales*” (Vayssière, 2002, p. 295), defendendo a necessidade de um diálogo entre a história e as ciências sociais. Entre suas ideias mais importantes, afirma Vayssière, está a afirmação da inseparável relação entre passado e presente, aspecto central para os *Annales*, que desde os escritos de Marc Bloch e Lucien Febvre, ainda em finais dos anos 1920, já enfatizavam que o historiador, ao estudar o passado, deve responder aos problemas do presente. Questões contemporâneas, diga-se de passagem, por vezes formuladas pelos historiadores, mas também pelas ciências sociais.

Da interlocução entre as disciplinas surgirá uma concepção de história distante das narrativas e da ficção, e cuja cientificidade provém das ciências sociais. Para Mauro, a história tende a se tornar uma “ciência do abstrato”, uma “ciência social do passado”, elaborada a partir dos problemas do presente, adaptados ao passado (Vayssière, 2002, p. 296). Esse diálogo entre história e ciências sociais se cristalizará na história econômica. Esta nada mais é que uma ciência econômica do passado. Para Mauro, é essencial fazer uma história econômica que seja útil aos economistas; a aproximação com as ciências sociais, e com a economia em especial, é condição para a cientificidade da História, para o seu lugar entre as ciências. Essa posição será reforçada, nos anos de 1970, pelo engajamento cada vez maior de Frédéric Mauro na história quantitativa.

Assim, Paul Vayssière acentua o papel de difusor e de continuador da Escola dos *Annales*, sobretudo na defesa da relação entre passado e presente e no diálogo com as ciências sociais.

Para Laurent Vidal (2013, p. 319), Mauro seria o “primeiro historiador francês do Brasil”, e sublinha as circunstâncias que moldaram seu interesse pelo país. Entre elas, está o convívio e a influência de Fernand Braudel, cuja obra foi marcada pela experiência de ensino no Brasil. A influência do mestre da segunda geração dos *Annales* seria determinante na escolha do objeto de estudo e na abordagem ligada à história econômica e social. Segundo Vidal, “o Brasil é, então, para o estudante, uma metáfora do programa historiográfico dos *Annales* que tanto o seduz” (Vidal, 2013, p. 320).

O interesse pelo Brasil se faz em paralelo ao mergulho na história econômica. Laurent Vidal retoma a contribuição de Mauro no debate sobre o feudalismo no Brasil e na crítica à noção de ciclo econômico, tal como encontrada em autores como Roberto Simonsen. Além disso, retraça a crescente atenção à teoria econômica em suas análises. Citando Frédéric Mauro, destaca sua afirmação segundo a qual a história quantitativa deveria ser uma “verdadeira contabilidade nacional do passado” (Vidal, 2013, p. 322). Esse seu interesse por uma história centrada em amplas bases de dados nos permite captar, uma vez mais, o diálogo que pretende estabelecer entre a história e as ciências sociais. Para Vidal, portanto, a trajetória de Frédéric Mauro está intrinsecamente ligada a seus estudos sobre o Brasil e a história econômica.

Uma etapa importante dessa virada para a história quantitativa e de fortalecimento da presença da Escola dos *Annales* no Brasil foi a atuação de Frédéric Mauro na criação do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, nos anos 1970². Altiva Pilatti Balhana (1995) e Cecília Maria Westphalen (1995), fundadoras desse programa, destacaram o protagonismo de nosso autor na divulgação da mensagem da Escola dos *Annales* no Brasil. Para Balhana (1995, p. 48), Mauro e outros pesquisadores franceses contribuíram ativamente na formação dos estudos sobre a história demográfica do estado do Paraná. Já segundo Cecília Westphalen (1995, p. 55), a presença dos *Annales* no Brasil se deve à “influência diretamente exercida pela historiografia francesa a partir dos anos 50 pela ação docente e pela divulgação de teses acadêmicas de Fernand Braudel, Frédéric Mauro, Pierre Chaunu, e outros”.

² Para o exame da formação deste programa de pós-graduação, consultar a tese de doutorado de Daniela Machado (2016).

Assim, percebe-se um forte consenso sobre a estreita relação de Frédéric Mauro com a Escola dos *Annales*, em especial com a figura de Fernand Braudel. Outro ponto inquestionável é a importância do historiador francês para a formação do campo do latino-americanismo, como menciona Paul Vayssière, ou do brasilianismo, como insistem Laurent Vidal, Anita Balhana e Cecília Westphalen.

Contudo, parece-nos necessário aprofundar a análise a respeito da relação entre Frédéric Mauro e a Escola dos *Annales* e, em particular, entre ele e Fernand Braudel, buscando precisar os parâmetros pelos quais sua obra se aproxima da corrente historiográfica francesa, sobretudo em termos metodológicos, com especial atenção à relação entre história e ciências sociais, ou teoria econômica, tal como proposta por Frédéric Mauro.

Antes, caberia nos perguntar: por que se preocupar com um ponto sobre o qual os autores examinados estão largamente de acordo? Primeiramente, porque nem Braudel nem Labrousse escreveram uma apresentação, um prefácio ou uma resenha sobre o trabalho de Frédéric Mauro, quando este foi publicado em 1960 na coleção “*Ports, routes, trafics*”, dirigida por Braudel e que era, então, a vitrine de seu novo projeto de pesquisa na VI Seção da *École Pratique des Hautes Études*. Não foi este o caso para outros volumes que apareceram na mesma coleção.

Além disso, uma comparação entre a tese de Frédéric Mauro e *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II* mostra uma forte ausência seja da longa duração, do tempo secular, seja do tempo curto, dos acontecimentos, a história política em seu sentido episódico, mas capaz de revelar as estruturas e as conjunturas subjacentes. Ademais, não há uma ligação entre a longa duração, o tempo conjuntural e os eventos, a chave para a tessitura do tempo histórico e da incorporação da geografia na obra de Fernand Braudel. A tese de Mauro, ao contrário, é uma tese sobre a conjuntura, sem a ossatura de uma história social ou de uma geografia histórica³.

³ Evidentemente, não queremos dizer que a influência de Braudel só seria constatada se algum orientando elaborasse uma tese exatamente igual à sua, o que, ademais, jamais foi feito. Contudo, o que gostaríamos de assinalar é que a própria escolha do tempo conjuntural, o mais próximo dos economistas, é já um indício de certas inclinações tanto de Frédéric Mauro quanto de Pierre Chaunu, como veremos mais adiante.

Finalmente, importantes trabalhos sobre a Escola dos *Annales*, como aqueles de Peter Burke (1992), François Dosse (2003), Hervé Couteau-Bégarie (1989) e André Burguière (2006), não tratam Frédéric Mauro como um historiador assimilado à escola. Como explicar esse silêncio?

Uma tese e seus leitores: a recepção de *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle: étude économique*

Com o objetivo de responder a essa indagação, abordaremos a seguir a recepção da tese de Frédéric Mauro na França e no estrangeiro. Esse procedimento nos pareceu indicado para melhor compreender quais questões preocupavam os historiadores e economistas franceses no início da década de 1960 e como outros meios intelectuais receberam o mesmo trabalho. Examinaremos, primeiramente, o único documento em que encontramos comentários, ainda que sumários, de Fernand Braudel e de Ernest Labrousse sobre *Le Portugal et l'Atlantique*. Trata-se da ata de defesa da tese, disponível nos *Archives Nationales*, em Paris. Redigida por Ernest Labrousse, que foi o presidente do júri de defesa, assim ele transcreve suas considerações de Fernand Braudel:

Sr. Braudel destaca, por sua vez, os méritos de uma pesquisa não só vasta, quanto nova. Mas a bibliografia às vezes cita fontes que não foram utilizadas. O que não a impede, aliás, de ser, aqui e ali, incompleta. O esforço de geografia histórica conduz a resultados muito irrealistas. Seria preciso situar mais firmemente a obra no século XVII e, no que se refere a essa preocupação central, retrair a gênese do mundo português. Alguns mapas são “cegos”, sem costas: um mapa deve bastar a si mesmo. Sob o ponto de vista da história social, um esboço de história das cidades, sobretudo de Lisboa, falta a este trabalho monumental. (Rectorat de Paris, n. d, p. 3, tradução nossa)

Para Braudel, portanto, os problemas são, a um só tempo, pontuais e estruturais. Ele critica os resultados “irrealistas” da Geografia Histórica, pois ela está longe da organicidade que encontramos em *O Mediterrâneo*. Além disso, reprova aspectos da tese que se afastam de seu próprio trabalho. Seria preciso “situar a obra no século XVII”, ou seja, mostrar como as curvas econômicas estão ligadas à história política, social e cultural de

Portugal e da Europa. Ademais, é necessário “retraçar a gênese do mundo português” e finalmente inserir uma história das cidades. Essas observações ligam-se diretamente à reconstituição da longa duração, da formação secular dessa nação peninsular, cuja posição portuária teria contribuído de maneira decisiva na organização econômica dos portugueses. A crítica, portanto, é dirigida ao que faltava na tese de Frédéric Mauro em relação ao seu próprio projeto de pesquisa.

Por outro lado, a julgar pela descrição da ata, vemos que a discussão entre mestre e discípulo não tocou em questões teóricas referentes ao diálogo da história com a economia. Entretanto, podemos inferir que se as ressalvas apontaram certa ausência de história social, isso se deve ao caráter excessivamente econômico do trabalho.

Ernest Labrousse, por sua vez, reconhece o grande esforço de pesquisa de Frédéric Mauro e limita seus comentários à interpretação econômica apresentada. Sua principal desaprovação reside, contudo, no aspecto mais original do trabalho: a análise da economia açucareira. Segundo o arguidor, Mauro “insiste talvez exageradamente sobre a economia açucareira” (Rectorat de Paris, n. d., p. 3). É preciso ser cauteloso quanto a isso, pois “o poder do grande comércio de luxo frequentemente engana a História”. Ora,

[...] ao lado do açúcar, há o sal, o trigo, o vinho, todos os velhos produtos de base da economia portuguesa. Nada no trabalho de Mauro nos informa suficientemente sobre seus respectivos valores. Parece-nos, finalmente, questionável que a prosperidade do setor açucareiro tenha salvo da depressão todo o resto da economia. O autor mesmo conclui que somente uma zona social bem estreita absorve o lucro do açúcar. Além disso, os aspectos sociais do tema foram apenas sugeridos. (Rectorat de Paris, n. d., p. 3, tradução nossa)

Segundo Ernest Labrousse, os gêneros de abastecimento são mais importantes do que aqueles do comércio de luxo. Assim, critica a conclusão do candidato, segundo a qual o açúcar brasileiro teria sido capaz de sustentar a prosperidade da economia portuguesa no início do século XVII, reduzindo os efeitos da crise que tomava conta do conjunto da economia europeia.

Os problemas apontados por Ernest Labrousse estão ligados à interpretação dos dados e, também, à maneira pela qual Mauro relacionou a

economia portuguesa e a europeia. Podemos dizer, portanto, que embora reconheça méritos da pesquisa, ele reprova a interpretação econômica avançada pelo candidato.

Retenhamos, no entanto, desses comentários, a sugestão de Fernand Braudel para ampliar a história social no trabalho e a crítica acerba de Labrousse sobre a interpretação econômica proposta. Essas observações, parece-nos, indicam certo distanciamento dos dois historiadores diante das conclusões do trabalho de Frédéric Mauro e, talvez, de seus métodos de análise.

Passemos agora para a recepção da tese de doutorado, após sua publicação em 1960, no ambiente intelectual francês e no exterior. Encontramos nove resenhas: quatro de autores franceses e cinco de autores estrangeiros.

Vejamos, primeiramente, a resenha publicada em 1962 na *Revue Historique* por Albert Silbert, outro orientando de Fernand Braudel. Logo no início estabelece uma ligação entre a tese de Mauro e a de seu orientador. Em suas palavras: “um belo tema, incontestavelmente. Nós reconhecemos a marca deste cujo nome é evocado desde as primeiras linhas do prefácio, o autor de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*” (Silbert, 1962, p. 234, tradução nossa)⁴. Contudo, Silbert critica a utilização excessiva que Mauro faz da teoria econômica⁵ para explicar os fenômenos históricos e lamenta a falta de uma contextualização ou de uma ligação mais forte com a política. Assim como Labrousse, discorda da importância do açúcar brasileiro diante dos outros produtos do império português, bem como da conclusão de que a economia portuguesa não teria sido afetada pela crise econômica do século XVII europeu.

⁴ No prefácio de *Portugal e o Atlântico*, lemos: “toda a minha gratidão vai, em primeiro lugar, para o meu mestre Fernand Braudel, professor no *Collège de France*, que tomou a responsabilidade de me confiar este tema. Com a sua obra ‘Mediterranée’, ele tinha aberto um caminho. Esta obra fundamental esteve sempre presente no meu espírito, durante o período de investigação e de redação. Mas beneficiei também largamente da solicitude pessoal de seu autor. Sem ele, o meu trabalho teria sido irrealizável.” (Mauro, 1989, p. 17).

⁵ “De tão acostumado aos conceitos e métodos da ciência econômica (apreciamos, por exemplo, seu cuidado em determinar a partir de uma pesquisa contábil a taxa de lucros) ele visivelmente sofre por não poder utilizá-los como desejaria.” (Silbert, 1962, p. 234).

Jean Delumeau (1961), outro aluno de Fernand Braudel, resenhou o trabalho de Mauro para a *The Economic History Review*. Ao contrário de Silbert, considera que a importância do açúcar e seu papel para a robustez da economia portuguesa perante a crise europeia são as conclusões mais importantes da tese de doutorado.

Robert Besnier (1963), historiador do direito e do pensamento econômico, professor na Faculdade de Direito de Paris, por onde passaram Ernest Labrousse e o próprio Mauro, discute o livro na *Revue Économique*. O papel do açúcar para a economia portuguesa é visto como aspecto positivo e enseja a discussão das características do sistema econômico estudado por Mauro: “o movimento de baixa, tão claro na Europa no século XVII, dificilmente se deixa ver no Império português. O capitalismo comercial, fundado sobre a exploração colonial, é mais mercantilista que liberal, e acentua as tendências oligopolistas” (Besnier, 1963, p. 967). Ou seja, considera que a correlação entre produção de açúcar e prosperidade portuguesa faz parte do próprio funcionamento do capitalismo comercial, chamando a atenção para o caráter mercantilista da expansão lusitana. Nesse sentido, a resenha pode ser lida como uma resposta, ainda que indireta, à ausência de relações entre o econômico e o político, assinaladas por Ernest Labrousse e Albert Silbert. O próprio capitalismo comercial, cujo trabalho de Mauro pretende ser um estudo de caso, está cravejado dessa inter-relação entre política e economia.

Contudo, o principal comentário a respeito de *Portugal e o Atlântico* foi de Pierre Chaunu. De fato, trata-se de uma mais extensa resenha que a obra recebeu. Lembremos, ademais, que ambos escreveram seus trabalhos ao mesmo tempo, sob a direção de Fernand Braudel, tendo sido os principais depositários da “partilha do oceano” (Vidal, 2013, p. 319) que o mestre fez no final dos anos de 1940.

Interessante notar, desde o início, a maneira como Frédéric Mauro é apresentado:

Mauro é, antes de tudo, um historiador da economia: seu pensamento está voltado para as lições de uma ciência econômica em movimento – de uma ciência econômica do movimento, diríamos. Sua problemática é, no melhor sentido, uma problemática emprestada da economia política. É com os conceitos do economista que ele interroga os documentos. [...] Raramente um historiador dos séculos XVI e XVII foi tão longe na análise das

estruturas, na busca desta ligação profunda entre história e economia. Neste sentido, Frédéric Mauro atingiu plenamente um dos votos mais elevados de Fernand Braudel e Ernest Labrousse. (Chaunu, 1961, p. 1177-1178, tradução nossa)

Frédéric Mauro estaria situado no limite entre a História e a Economia, próximo aos partidários de Adam Smith. No entanto, curiosamente, Chaunu associa a interpretação econômica do livro às pesquisas de Ernest Labrousse e Fernand Braudel, estabelecendo a ligação do autor com a escola dos *Annales*: “o Atlântico de Mauro sai, naturalmente, de *O Mediterrâneo*. Frédéric quis assim”. Tanto mais que “os novos estudos sobre espaços e relações marítimas” são a continuação do projeto “aceito por uma geração” da obra de Fernand Braudel (Chaunu, 1961, p. 1178).

Sobre o conteúdo da tese, Chaunu sublinha a importância do Brasil, verdadeira fonte de riqueza não apenas do Império português no Atlântico, mas também do Atlântico holandês. Ao retomar a problemática da importância do açúcar e o descolamento da economia portuguesa em face da europeia, coloca-se contrário às críticas de Labrousse e Silbert. A originalidade do trabalho estaria justamente em demonstrar que Portugal teve um comportamento atípico no quadro da economia europeia do século XVII, em grande parte devido à importância da produção açucareira colonial.

No geral, portanto, os historiadores franceses receberam com ressalvas tanto a interpretação econômica quanto a forte ênfase na teoria econômica do trabalho de Frédéric Mauro. Pierre Chaunu ocupa uma posição especial, pois há uma proximidade forte entre as pesquisas de ambos. Ademais, grande parte da discussão suscitada pela tese recaiu sobre o peso do açúcar na conjuntura cíclica de Portugal e da Europa. Contudo, senos voltarmos para os recenseamentos publicados por pesquisadores de fora do Hexágono, veremos que a recepção do trabalho de Frédéric Mauro foi diversa.

Encontramos cinco resenhas publicadas por autores brasileiros, estadunidenses e ingleses. Com a exceção de José Roberto do Amaral Lapa (1963) – que, diga-se de passagem, estava sob a influência direta da Escola dos *Annales* – nenhum autor discutiu a suposta peculiaridade da economia portuguesa na conjuntura de crise europeia no início do século XVII. Ao contrário, destacaram a importância do Brasil e do açúcar brasileiro

para a economia portuguesa. Ou seja, não haveria contradição em um produto colonial estar no centro de um império marítimo, aliás, extremamente dependente de suas colônias como era o caso de Portugal no século XVII.

Alan K. Manchester, autor de *A preponderância inglesa no Brasil* (1933), apresenta o livro de Mauro no *The Journal of Modern History*, em 1961. O primeiro ponto destacado, a exemplo de Besnier, é de que se trata de “um estudo de caso ideal do capitalismo comercial” (Manchester, 1961, p. 433, tradução nossa). O autor assinala como a expansão do mercado europeu de açúcar e a posição de Portugal nesse comércio levaram a uma mudança de perspectivas para o Império português, que se reorienta do Oriente para o Atlântico. Outro ponto é a ampliação da competição entre os impérios ultramarinos – tema, aliás, das pesquisas de Manchester –, o que fez com que Portugal, unido à Espanha, fosse alvo de ataques pelos holandeses. Dessa forma, ao contrário de Labrousse e Silbert, a conjuntura econômica e política aparecem juntas na leitura feita pelo historiador inglês.

O historiador de Illinois, Charles Nowell, autor de *The great discoveries and the first colonial empire* (1954), apresenta o livro de Mauro na *The American Historical Review*. A terceira parte da tese lhe parece a mais importante, onde

[...] há uma estimativa da moeda e seu valor (uma das mais valiosas contribuições do autor, pois é sempre difícil para os historiadores lidar com os sistemas monetários de outra época), os riscos oferecidos pelos piratas, o *status* dos tratados internacionais no período, as relações entre os Estados, as regulamentações nos portos tratando de navios e marinheiros estrangeiros. (Nowell, 1961, p. 732, tradução nossa)

Ou seja, para o autor, as questões econômicas aparecem inseridas dentro de um quadro maior de restrições políticas.

Dauril Alden (1961, p. 280, tradução nossa) apresenta Mauro como “um aluno do distinto historiador francês, Fernand Braudel” e “um antigo colaborador de artigos para diversas publicações acadêmicas”. Destaca o papel-chave do Brasil no momento de declínio do Império português na Ásia e seu deslocamento para o Atlântico. Do Brasil vinha grande parte das rendas da coroa lusitana e ao Brasil se dirigia todo o

excedente de produtos e mercadorias de outras regiões, tornando-se, portanto, seu epicentro econômico. Um elemento importante das considerações de Auden é que, embora a economia do Império no Atlântico estivesse mais consolidada, nem por isso seria possível considerá-la inteiramente capitalista, pois, ainda nesse momento, “o essencial, não é obter lucros, mas viver” (Alden, 1961, p. 281).

Charles R. Boxer, já um eminente historiador do mundo português, faz uma breve resenha do livro de Mauro na *The English Historical Review*. Ele destaca, na segunda parte do trabalho, os dois capítulos sobre o açúcar. O papel preponderante do açúcar, entre todos os produtos do comércio português, faz com que Boxer chame atenção para a importância da colônia: “o papel desempenhado pela economia brasileira como *économie motrice* de Império português no Atlântico é bem sublinhado, assim como o caráter peculiar do capitalismo comercial português” (Boxer, 1962, p. 154). Trata-se de uma avaliação importante, pois coloca a centralidade econômica da colônia, que adquire certa autonomia perante as atividades agrícolas e manufatureiras do reino, destacando também a grande importância do comércio e do transporte dos produtos coloniais.

Em suma, ao contrário dos leitores franceses, para quem faltava dinâmica e articulação entre política e economia à obra, Boxer identifica esses elementos como a principal característica do livro. O historiador inglês não faz menção ao descompasso entre a crise europeia e a prosperidade prolongada de Portugal, sustentada pelo açúcar. Silêncio tanto mais importante, pois talvez indique como esse problema da conjuntura e dos ciclos econômicos fosse uma preocupação característica dos debates historiográficos franceses. Um indício sobre esse ponto é justamente o parágrafo final do texto, no qual Boxer desconsidera a alegada influência direta de Braudel sobre Mauro e associa o livro *Portugal e o Atlântico* não ao *Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo*, julgando-o “merecedor de um lugar ao longo do massivo *Sevilha e o Atlântico* de P[ierre] e H[uguette] Chauu” (Boxer, 1962, p. 154). Ora, essa afirmação, original entre todas as resenhas, sem ignorar todos os aspectos positivos do livro, ressalta como as duas teses sobre o Atlântico, português e espanhol, distanciam-se do estudo global de Fernand Braudel, pois priorizam as relações econômicas e o tempo conjuntural.

Por fim, mas não menos importante, temos a resenha do historiador

brasileiro José Roberto do Amaral Lapa, publicada na *Revista de História* da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. O autor apresenta o livro como um estudo sobre a “expansão colonial portuguesa, identificada no seu capitalismo comercial” (Lapa, 1963, p. 271). Trata-se de “um ambicioso esforço de compreensão histórico-econômico, que não invalidou as implicações de natureza geográfica e sociológica, além da abordagem que o autor chama de teorias econômicas do passado” (Lapa, 1963, p. 271). O historiador brasileiro também identifica a forte relação entre economia e política ou, em suas palavras, “os planos de comércio ordenados pela política” nos quais, segundo ele, “a posição estatal perante a economia colonial, na sua orientação, flutua muitas vezes entre o protecionismo e o simples intervencionismo” (Lapa, 1963, p. 271). Destaca, ainda, a familiaridade que os portugueses adquiriram com as rotas atlânticas e a “excepcional importância” do Brasil, como ponto de contato e comércio, embora lamente que o autor não tenha discutido “o sincronismo das viagens do Brasil com a Carreira da Índia”, para explorar o comércio “intercolonial”. De resto, aponta a comparação que Mauro faz entre os impérios português e espanhol, e a conclusão geral, segundo a qual “a economia portuguesa logrou uma solidez grande, através do Atlântico, no século XVII, em meio à estagnação de grande parte da Europa meridional” (Lapa, 1963, p. 271).

Esta resenha, a única que encontramos sobre a recepção da obra nos países efetivamente estudados por Mauro, mostra suas conexões com o Brasil e com a Universidade de São Paulo, já apontada por outros autores. Amaral Lapa repercutiu elementos apontados pelos resenhistas franceses, a saber, o descolamento da economia portuguesa do resto da Europa no século XVII, e ao contrário dos conterrâneos de Mauro, notou a imbricação entre economia e política no capitalismo comercial português.

Dessa forma, podemos identificar uma recepção mais favorável à obra de Frédéric Mauro no estrangeiro, enquanto que em seu próprio país a tese sofreu uma série de ressalvas e críticas de Fernand Braudel, Ernest Labrousse e de seu círculo de influência. Isso nos mostra certas disposições interpretativas que, de um lado, assinalam as diferenças entre a tese de Mauro e a segunda geração da Escola dos *Annales* e, de outro lado, uma recepção no estrangeiro que aprecia o trabalho sobre o Atlântico português, pois permite compreender e clarificar o conhecimento

e a interpretação do Império lusitano no século XVII. Nesse caso, o exame do papel do açúcar e da colônia americana é colocado em evidência como a grande contribuição de Frédéric Mauro.

Para finalizar esta seção e tentar compensar em alguma medida a ausência de um comentário mais amplo de Fernand Braudel sobre a obra de Frédéric Mauro, podemos, ao retomar a arguta afirmação de Charles Boxer que aproxima este último a Pierre Chaunu, examinar a resenha que Braudel dedicou a *Seville et l'Atlantique* para os *Annales*, como uma forma de considerarmos alguns aspectos comuns entre elas⁶.

De início, vejamos como ele avalia a reivindicação de que seu *Mediterrâneo* foi a fonte de inspiração para o trabalho de Chaunu:

[...] eu não creio que o Atlântico sevilhano que ele nos apresenta seja uma retomada ou um prolongamento de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*, livro surgido dez anos mais cedo que o seu, em 1949. Primeiramente, este Atlântico não é captado em sua integralidade, mas em um certo espaço arbitrário, das Antilhas à embocadura de Guadalquivir, fato que o autor diz e rediz à saciedade: ele nos adverte que irá tratar, para retomar algumas de suas fórmulas: “o Atlântico mediano”, “o primeiro Atlântico fechado dos ibéricos”, “o Atlântico exclusivo de Sevilha”.

Outra diferença fundamental que igualmente vê Pierre Chaunu e que salta aos olhos: aquela que opõe o mais velho espaço marítimo jamais domado pelo homem – o Mediterrâneo –, todo um passado, um espaço então (no século XVI) no fim de sua grandeza [...] e um espaço (o Atlântico) de passado emprestado e apressadamente construído. (Braudel, 1963, p. 542-543, tradução nossa)

Há uma diferença, portanto, de abordagem do tempo e do espaço entre os dois livros. Ora, tempo e espaço são categorias fundamentais da obra de Braudel. Na tese de Pierre Chaunu, o espaço é demasiado estreito: uma rota, uma ligação, mas não um oceano em sua totalidade geográfica. Por outro lado, o Atlântico sevilhano (e certamente também o português) não possui a mesma densidade histórica.

⁶ Não podemos desdenhar a importância desta resenha. Ela ocupa doze páginas dos *Annales* e foi escolhida por Braudel para compor sua importante coletânea de textos teórico-metodológicos intitulada *Écrits sur l'Histoire*. Nesse livro, o texto aparece na seção “A história e as outras ciências do Homem”, talvez para ilustrar a ressalva de Fernand Braudel quanto ao diálogo estabelecido com a economia.

Outro ponto de divergência entre os dois é a noção de conjuntura e de estrutura:

Pierre Chaunu, também ele, deixou-se seduzir pela eficácia dialética do tempo longo e do tempo breve. Mas seu propósito, contudo, não é o meu: eu busquei em *O Mediterrâneo*, expor, bem ou mal, imaginar uma história global, indo das imobilidades aos movimentos mais vivos da vida dos homens. Pierre Chaunu não tem nem essa pretensão, nem esse desejo. Em sua obra, a descrição das imobilidades maiores (sua primeira parte), depois o recitativo conjuntural (a segunda parte) visam unicamente reconstituir uma certa realidade econômica, recortada de uma história global que ela atravessa, mas que a transborda por todas as partes. (Braudel, 1963, p. 543, tradução nossa)

Portanto, Braudel identifica uma ausência de sedimentação e de ligação entre os tempos históricos. O livro de Pierre Chaunu transita entre a conjuntura e a imobilidade oceânica que, no entanto, é pouco penetrada pelo homem. Em sua tese, a conjuntura é a temporalidade central, em detrimento das outras. Nesse sentido, a aproximação com a tese de Frédéric Mauro é válida, pois, embora seu trabalho abarque todo o século XVII, sua análise é feita a partir de ciclos decenais, ou no máximo de meio século. É justamente essa periodização que Braudel classificou de “recitativo da conjuntura”, em detrimento de sua própria concepção tripartite do tempo histórico. Por sua vez, o espaço oceânico, em ambos os trabalhos, foi retratado a partir da navegação portuguesa e hispânica, ambas de data recente, se comparadas ao Mediterrâneo.

Assim, a despeito de a maioria dos autores contemporâneos alinharem Mauro na Escola dos *Annales*, nota-se certas reticências por parte de seus principais representantes. Contudo, embora nosso percurso até o momento tenha ilustrado esse distanciamento, seria preciso compreendê-lo e explicá-lo.

As reservas que o trabalho de Mauro recebeu do círculo braudeliano talvez possam ser compreendidas se explorarmos a assertiva de Pierre Chaunu, para quem Frédéric Mauro é um historiador *da* economia. Ou seja, um historiador inspirado pelos conceitos da teoria econômica e que pretendeu interpretar o passado segundo essas categorias. É com essa hipótese que passamos, em seguida, a expor a concepção de Frédéric Mauro sobre a história econômica.

Frédéric Mauro: da história econômica à ciência econômica do passado

Sobre esse tema, é importante retomarmos as considerações de Martinière (1973), Vayssière (2002) e Vidal (2013) que apresentam Frédéric Mauro como um representante da Escola dos *Annales*. De fato, é precisamente essa filiação que podemos encontrar em seus primeiros trabalhos.

Sua estreia no campo da metodologia se dá na *Revista de História da Universidade de São Paulo*, em 1954, com o artigo “O historiador francês face às ciências sociais”, O título indica seu compromisso com as questões da corrente historiográfica francesa. Abordando a relação entre as disciplinas, Frédéric Mauro assinala o interesse dos historiadores pelas ciências sociais, um interesse cada vez maior, acompanhado de uma influência recíproca ao ponto que “é possível considerar a História como uma ciência social entre outras” (Mauro, 1954, p. 229). A única diferença entre elas é cronológica: “a História estuda o passado e as ciências sociais, o presente” (Mauro, 1954, p. 229). Segundo Mauro, o historiador deve utilizar os métodos e os conceitos das ciências sociais; “ele deve ser, à medida que se distancia do presente, economista, geógrafo, sociólogo” (Mauro, 1954, p. 229). Por outro lado, os cientistas sociais devem se nutrir do passado. De fato, continua, o grande progresso que as ciências sociais fizeram na primeira metade do século XX está ligado à importância atribuída à História.

Esse primeiro trabalho de Frédéric Mauro estabelece a necessidade do diálogo entre as disciplinas. Contudo, retenhamos sua afirmação de que a História é uma ciência social entre outras, cuja diferença reside apenas no período estudado: a primeira se ocupa do passado, as últimas, do presente.

No ano seguinte, outro artigo, também publicado no Brasil, mas dessa vez na *Revista da Faculdade de Ciências Econômicas de Porto Alegre*, intitulado “*Science économique et Science historique*” reflete sobre a relação entre as disciplinas, mas já com algumas nuances em relação ao anterior. Não se trata das ciências sociais, mas tão somente da economia, e a história aparece em segundo lugar no título, ambas com o qualificativo de ciência. Mauro traça um panorama da evolução das duas disciplinas. Segundo ele, a economia tem início no século XVIII e é uma ciência abstrata. Somente a partir de Keynes e da crise de 1929 que essa carac-

terística começa a se transformar. O economista inglês teria sido o responsável pela introdução, com a macroeconomia, da importância do espaço, do território, da contabilidade nacional e, sobretudo, da incorporação da variável tempo. Com isso, a ciência econômica passa a se ocupar do tempo concreto, de uma “sucessão de desequilíbrios que formam a própria trama da economia” (Mauro, 1955, p. 85, tradução nossa).

Neste mesmo momento a História igualmente passou por mutações: “esta renovação da História foi feita na França pela revista dos *Annales*, na qual trabalharam Marc Bloch e Lucien Febvre e agora sua direção está a cargo de Fernand Braudel, que tanto fez para o desenvolvimento da ciência histórica no Brasil” (Mauro, 1955, p. 86, tradução nossa). A História mudou seus objetivos para se tornar uma história total, uma história global das sociedades. E acrescenta, retomando a ideia do texto anterior, “ela [a História] é a ‘ciência social’ do passado, como as ciências sociais são a história do presente” (Mauro, 1955, p. 86, tradução nossa). A disciplina modificou seus métodos ao abandonar os acontecimentos e a história política para estudar a economia, a geografia, a sociedade, a cultura. Como resultado, suas explicações também se transformaram. Trata-se, agora, não mais de “pesar a parte do fator econômico e a do fator político, mas de precisar o papel qualitativo dos diferentes fatores ainda que a concepção geral que tenhamos da causalidade social seja biologistica, dialética, mecanicista ou psicológica” (Mauro, 1955, p. 87, tradução nossa).

É nesse conjunto de mudanças que Frédéric Mauro apresenta sua definição de história econômica: “ela deve ser a teoria, a sociologia e a geografia dos sistemas econômicos do passado – em suma, a ciência econômica do passado, como a ciência econômica – teoria, sociologia e geografia – é o conhecimento do presente. Ela deve fazer um esforço teórico, na medida em que ela é a ‘economia política’ do passado”. (Mauro, 1955, p. 87, tradução nossa).

Aqui, portanto, temos uma definição de história econômica. Partindo das definições de história e de economia, a diferença entre elas é que primeira estuda o passado, e a segunda, o presente – como, aliás, já indicado, em nível mais geral, no artigo da *Revista de História*. Para ambas, os métodos e os conceitos podem ser os mesmos e a única ressalva que nos impediria de considerar que a história econômica é uma aplicação dos conceitos econômicos ao passado é a preocupação que toma em

indicar que aquela é a “economia política”, e não a ciência econômica do passado.

Esses dois textos marcam a proximidade de Frédéric Mauro com Fernand Braudel e a Escola dos *Annales*, no período de redação de sua tese de doutorado. Seu papel de divulgador da revista no Brasil é confirmado pela citação direta que vimos acima. Entretanto, como sabemos, a definição de História como ciência não fazia parte do projeto historiográfico francês, nem mesmo a qualificação dela como uma ciência social. Assim, embora apresentando a escola francesa, a definição de história econômica é da própria lavra de Mauro. Assinalemos, ainda, que esta discussão metodológica é feita em revistas brasileiras, país sob influência historiográfica dos *Annales*, mas fora do círculo francês de publicações da escola, ou melhor, fora do ambiente que criticaria o economicismo de sua tese de doutorado⁷.

Passemos, agora, aos artigos escritos após a defesa de seu trabalho, em 1956. Examinemos, primeiro, o texto “Teoria econômica e história econômica”, publicado em 1958 nos *Cahiers de l’Institut de Science Économique Appliquée*. Aqui, sua preocupação específica é a relação entre teoria econômica e história econômica na perspectiva dos problemas colocados pelo estudo da História Moderna e, mais particularmente, de seu próprio objeto, o comércio português no Atlântico.

Mauro indaga-se sobre a possibilidade de construção de um modelo de funcionamento do capitalismo comercial na Época Moderna utilizando os conceitos da teoria econômica contemporânea. Dito de outro modo, discute os parâmetros de utilização da teoria econômica no passado. Em sua concepção, o historiador “está sempre colocado frente a um dilema: ou ele explica o passado em termos do presente e, com isso, trai o passado; ou ele explica-o nos termos do passado e, então, fica incompreensível aos homens do presente” (Mauro, [1958] 1972a, p. 3, tradução nossa).

Ora, é preciso considerar que a compreensão de um sistema econômico, ou mesmo de uma época, depende de um conjunto de conceitos:

⁷ Destaquemos, a título de exemplo, que até 1956, Mauro já havia publicado treze artigos em periódicos, alguns na própria revista dos *Annales*, versando sobre a economia das ilhas do atlântico, mas nenhum sobre aspectos metodológicos. Esse padrão de publicação de textos metodológicos em periódicos fora da França irá se manter na década de 1960. Ver a relação de suas publicações em Martinière (1995).

conjunturas, estruturas, sistemas, ritmos, permanências – que não se encontram jamais em estado puro, mas sempre interligados na temporalidade. Ou seja, é difícil estabelecer uma distinção entre dois sistemas econômicos, por exemplo, entre a economia medieval e o capitalismo comercial. Para fazer frente a essas dificuldades, Mauro se propõe a examinar um caso de história total, de uma história capaz de compreender uma totalidade, a saber, o *capitalismo comercial na Europa em seus diversos aspectos*: uma sociologia, uma geografia, uma etnologia, uma demografia econômica (Mauro [1958] 1972a, p. 12-13).

Nesse modelo, ele parte do princípio de que, mesmo que a Europa Moderna ainda possua traços do mundo medieval, “a economia é a mola dessa civilização, a causa de sua estrutura e de sua evolução” (Mauro, [1958] 1972a, p. 12). Dessa forma, não é possível, como pretendia Labrousse, afirmar que a reprodução social e o abastecimento são as atividades mais importantes dessa sociedade. O comércio e a circulação, estes sim são os grandes movimentos responsáveis pela dinâmica do mundo moderno. A partir dessa afirmação, Mauro constrói um modelo em três níveis, elaborados, notemos, segundo os conceitos da teoria econômica contemporânea. Ele apresenta uma macroeconomia estática, que estuda as “condições gerais de funcionamento em equilíbrio do sistema econômico como um todo”; uma microeconomia, ou seja, o estudo da “célula tipo ou das células tipo e os ramos de produção” e, finalmente, uma macroeconomia dinâmica preocupada com “as modificações e as flutuações que levam pouco a pouco à renovação ou à destruição do sistema” (Mauro, [1958] 1972a, p. 15). Esses três níveis de análise lhe permitem discutir os cuidados e as precauções necessárias para não conferir uma lógica essencialmente contemporânea ao mundo da Época Moderna.

Contudo, na segunda parte de seu artigo ele apresenta uma comparação entre as características do capitalismo comercial europeu com os países subdesenvolvidos no mundo contemporâneo. Em suas palavras, “vejamos se o aparelho conceitual do subdesenvolvimento pode se aplicar a este capitalismo comercial” (Mauro, [1958] 1972a, p. 12). Para ele, a comparação é possível, pois “os dois sistemas se assemelham: sob os pontos de vista geográfico e econômico” (Mauro, [1958] 1972a, p. 21); pela importância quantitativa da atividade agrícola; e pelo fato de que “o circuito monetário é relativamente restrito” (Mauro, [1958] 1972a,

p. 22). Dessa comparação, extrai também diferenças, chamando a atenção às características do capitalismo comercial que não se encontram nas economias subdesenvolvidas.

Destaquemos nessas proposições que, seja na elaboração do modelo de capitalismo comercial, seja na comparação com as economias subdesenvolvidas, seu artigo demonstra o esforço em colocar o conhecimento histórico a serviço da teoria econômica. Sua grande preocupação é discutir em que medida o passado pode ser explicado pelos conceitos da teoria econômica contemporânea. A conclusão não deixa dúvidas:

Se a história econômica é *determinada* pela ciência econômica e se esta muda a partir da necessidade dos especialistas, a história econômica será eternamente reconstruída, repensada, recriada. Mas, neste movimento, ela não faz mais que seguir o destino comum de toda ciência histórica. Nesta, como em todas as ciências humanas, nada há de definitivo. (Mauro, [1958] 1972a, p. 28, tradução e grifo nossos)

Aqui, ainda que reconheça as mudanças na história econômica, é a ciência econômica que as determina.

A questão da construção de modelos reaparece no artigo “Por um ‘modelo intercontinental’: a expansão europeia no ultramar entre 1500 e 1800”, publicado em 1961 na *The Economic Historical Review*. Nele, podemos ler: “já está longe o tempo em que a história era somente a ciência do excepcional. Para além dos eventos, da conjuntura, ela se esforça hoje em dia para identificar as estruturas, os conjuntos estruturais, as civilizações”. Para ele, “a reconstituição desses mecanismos permite a construção de modelos cada vez mais precisos com o progresso da pesquisa, em particular da pesquisa estatística e também com o progresso da ciência econômica em contato com a história” (Mauro, [1961] 1972b, p. 49, tradução nossa). Nessas passagens reencontramos a ideia de que o progresso da ciência econômica coloca questões teóricas à história, especificamente, uma demanda pela construção de modelos econômicos do passado. É a esta demanda, demanda da economia, ressaltemos, que Frédéric Mauro deseja responder.

Para tanto, ele elabora um modelo intercontinental da expansão marítima europeia entre 1500 e 1800. Europa, América, África e Ásia são consideradas como blocos “de onde entram e por onde saem certo número de produtos em quantidades determinadas” (Mauro, [1961]

1972b, p. 51, tradução nossa). Não se trata, portanto, de uma história nacional, mas de uma história de grandes conjuntos – global, diríamos hoje. Ele constrói um modelo, separando as grandes unidades continentais; os principais artigos comercializados: bens primários das zonas temperadas, bens primários das zonas tropicais, inclusive escravos, os bens secundários, os bens terciários, incluindo homens brancos. Em seguida, traça em grandes linhas, a exemplo de um modelo de fluxo de econômico, as trocas entre as regiões, os tipos de produtos e o resultado em termos de déficits e superávits. Finalmente, propõe um modelo para captar as variações temporais, a partir de equações lineares e não lineares, inspiradas nos modelos de Jan Tinbergen.

O que nos parece crucial nesse artigo é a própria decisão de estudar os três séculos do capitalismo comercial com um modelo matemático que, por mais elaborado que seja, dificilmente incorpora elementos de ordem política, tais como dominação, monopólios, guerras e tratados comerciais. Nesse caso, a necessidade imposta pela teoria econômica para a história foi respondida por Mauro com a incorporação da própria linguagem instrumental da ciência econômica. Nessa tentativa, vemos que sua concepção de história econômica aproxima-se muito mais da economia, aceitando e incorporando seus métodos e aplicando-os ao estudo do passado.

Essa concepção é desenvolvida em outro artigo, intitulado “História, ciência do abstrato”, publicado na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* em 1962 e reimpresso no *Anuario de história económica* em Madri, em 1968. O título é uma provocação a Marc Bloch, que considerava a história uma “ciência do concreto”, “de carne e osso”, mostrando o paradoxo entre a ciência e a concretude irredutível da vida social.

Segundo Frédéric Mauro ([1962] 1972c, p. 29, tradução nossa), “toda ciência é, a um só tempo, concreta e abstrata. Ela vai do concreto ao abstrato, e vice-versa”. Em seu domínio, o historiador “tenta dar conta do passado em termos compreensivos aos homens do presente. Para isso, construindo as ciências sociais do passado, ele se vale das ciências sociais do presente. Ele faz a teoria do passado como estas fazem a teoria do presente” (Mauro, [1962] 1972c, p. 31, tradução nossa). Aqui, portanto, reencontramos a expressão “ciência social do passado”, não mais exigindo uma definição, como no texto de 1954, mas citada como se seu uso e sentido fossem consensuais.

Uma vez que a história não é nem ciência do concreto nem do abstrato, mas, simplesmente, ciência, ela necessita construir uma teoria. Dessa forma,

[...] para o *historiador economista* [vejamos que ele retoma a expressão com a qual Pierre Chaunu o definira, anos antes] a tarefa essencial deve ser a teoria econômica retrospectiva ou a teoria econômica do passado. As outras disciplinas econômicas, geografia, antropologia, sociologia, demografia, psicologia econômica do passado, não são mais que instrumentos permitindo melhor captar e esclarecer essa teoria. (Mauro, [1962] 1972c, p. 32, tradução e grifo nossos)

Ora, uma vez que a História está a serviço das ciências sociais, ela deve, assim como estas, erigir teorias. Como fazê-lo? Eis o objetivo desse artigo. Segundo Frédéric Mauro, não se deve, como pretendia Earl J. Hamilton, “aplicar brutalmente ao passado a teoria econômica em seu estado atual” (Mauro, [1962] 1972c, p. 32, tradução nossa). Também não é apropriada a solução de Labrousse, segundo a qual “cada sistema econômico tem suas próprias leis” e sua concepção de que “os mecanismos econômicos são diferentes para cada sistema” (Mauro, [1962] 1972c, p. 34, tradução nossa).

Para Frédéric Mauro a resposta para a construção de teorias econômicas para o passado pode ser encontrada nas obras de Milton Friedman e de Oskar Lange. Os dois economistas, o primeiro, representante da Escola de Chicago, o outro, um dos teóricos do planejamento socialista, possuem um ponto em comum: para ambos, “existem mecanismos fundamentais que são onipresentes, quaisquer que sejam as estruturas” (Mauro, [1962] 1972c, p. 35, tradução nossa). A economia é uma ciência que estuda as relações entre certas variáveis como, por exemplo, a escassez e a maximização do excedente, além disso, “as leis econômicas possuem um caráter objetivo” (Mauro, [1962] 1972c, p. 36, tradução nossa). Ainda que os dois autores não tenham aplicado suas concepções ao estudo do passado, segundo Mauro, eles abriram “a porta para uma economia histórica generalizada”. A história econômica atual (1962) está orientada pela atitude de “buscar uma ciência econômica sempre geral, generalizada em relação à História. Além dos acontecimentos, das instituições, das estruturas, ela busca alcançar as *naturezas* econômicas,

ou melhor, a *natureza econômica*” (Mauro, [1962] 1972c, p. 37, tradução nossa). No presente, o historiador deve

[...] experimentar, ao contato com o passado, o caráter verdadeiramente fundamental, universal desses mecanismos. [...] A utilidade do historiador é mostrar em que um mecanismo específico ainda não é suficientemente geral ou, se quisermos ir mais longe, deve garantir a generalidade desse mecanismo. (Mauro, [1962] 1972c, p. 37, tradução nossa)

Ao final, Mauro conclui:

[...] a história econômica aparece como a ciência econômica retrospectiva de nossos economistas, se servindo dela e se erigindo sobre ela. Em consequência, o primeiro objetivo da história econômica é de ser útil aos economistas e a história econômica deve aparecer como uma disciplina senão diretamente, ao menos indiretamente operacional. (Mauro, [1962] 1972c, p. 38, tradução nossa)

Esse texto, de 1962, mostra o resultado da concepção de história econômica, ou melhor, de sua concepção de economia retrospectiva. Aqui, a política, o social – sem mencionar os eventos – perdem espaço no vocabulário de Frédéric Mauro. Para ele, o capitalismo comercial é um sistema fundado sobre o comércio de longa distância de produtos de luxo e de consumo, sobre o comércio de escravos e a exploração e circulação de metais preciosos. Não se trata da economia do Antigo Regime de Labrousse. É um sistema cada vez mais tocado pela racionalidade econômica. Fenômeno que está na origem do interesse de Frédéric Mauro pela contabilidade e pelos livros-razão, pelo comércio e as mercadorias que circulam pelo Atlântico. Nesse sentido, ele se colocava a serviço dos economistas, da ciência econômica, e a História, de ciência dos homens, do concreto, da totalidade, como gostaria Bloch, torna-se um laboratório de testes para a teoria econômica.

Notemos, ademais, que os artigos analisados foram publicados em revistas estrangeiras, enquanto Mauro escolhia os periódicos franceses para apresentar suas pesquisas empíricas e as inúmeras resenhas que escrevia para divulgar os trabalhos sobre Portugal, o Brasil e a América Latina a seus conterrâneos. Essa opção seria o resultado de uma escolha consciente de divulgar sua concepção sobre história econômica no exterior,

enquanto ela não seria aceita e partilhada em seu próprio país? Ou ela revelaria, ao contrário, a percepção de que, cada vez mais, Frédéric Mauro se afastava da concepção da história econômica e social que se difundia entre os historiadores dos *Annales* e que passava a predominar no ambiente dos historiadores?

Uma das maneiras de tentar responder a isso, ainda que de modo preliminar, seria discutir como, por exemplo, Fernand Braudel, cuja tese fora escolhida como modelo por Mauro, concebia o diálogo entre a história e a teoria econômica, ou melhor, qual seria sua concepção sobre a história econômica, ou sobre o diálogo da história com as ciências sociais neste nosso período em análise.

Ora, é possível dizer que desde o final dos anos 40, as energias de Fernand Braudel estavam depositadas na reconfiguração do diálogo entre as disciplinas, em um contexto de avanço das ciências sociais, em face dos problemas colocados pelo final da Segunda Guerra Mundial e a reconstrução europeia. Essa reorganização do contato das disciplinas mesclava-se com o desafio de erigir e consolidar a VI seção da *École Pratique des Hautes Études*, conforme analisado por Dosse (2003), Gemelli (1995) e Mazon (1988). Nesse momento, portanto, estava em jogo a continuidade e a institucionalização do projeto original da Escola dos *Annales* e a manutenção da História enquanto disciplina da totalidade, única capaz de fazer a síntese das novas disciplinas e explicar o conjunto da vida social⁸.

Uma forma de captar, concretamente, as injunções desse momento seria o artigo de Fernand Braudel, “Por uma história econômica”, publicado no primeiro número da *Revue Économique*, em 1950 e, portanto, dirigido aos economistas.

O convite ao diálogo proposto por Braudel, contudo, é consideravelmente diverso daquele sugerido por Frédéric Mauro. Ao contrário de seu aluno, pergunta-se qual é a contribuição que os economistas podem dar aos problemas históricos. Uma verdadeira revolução copernicana, pois os dois polos em debate mudam de chave, e agora é a economia que deve oferecer elementos para a compreensão do passado.

⁸ Para uma análise das questões referentes à federalização da História e as interações com as outras ciências sociais no pensamento de Braudel, ver também os trabalhos de Peter Burke (1992), André Burguière (2006) e Hervé Couteau-Bégarie (1989).

Para Braudel, a economia deve estar aberta à longa duração, tempo exclusivo dos historiadores; a *dismal science* deve ajudar os historiadores a pensar essas longas estruturas temporais. Seu propósito é ir além do tempo conjuntural, do movimento ondulante das curvas que se estendem por cinco, dez, ou cinquenta anos – o “recitativo do conjuntural”, ao qual se referiu na resenha sobre Pierre Chaunu –, para fazer frente à longa duração da história dos homens, esta história geográfica, social, econômica e política que ele esboçou em seu *Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*, no qual a economia foi uma ciência social entre outras, mobilizada em sua explicação.

Por outro lado, prossegue, a História trata não somente de continuidades, para as quais as teorias do equilíbrio dos economistas são relativamente apropriadas, mas ela aborda também as rupturas. E Braudel se pergunta: “e justamente, sobre essas descontinuidades estruturais, mesmo a título de hipóteses, os economistas não têm nada a dizer? A *nos* dizer?” (Braudel, [1950] 1984a, p. 132, tradução nossa).

Portanto, ao contrário de Frédéric Mauro, é a partir das questões particulares da história que a economia deve ser interrogada. O mesmo movimento se encontra em seu artigo seminal “A História e as ciências sociais: a longa duração”, publicado em 1958 nos *Annales*. Aqui, a diferença entre história e as ciências sociais não está assentada na distinção segundo a qual a primeira estuda o passado, e as outras, o presente. Ao contrário, a temporalidade, atributo exclusivo da história, é o elemento diferenciador e capaz de vivificar as ciências sociais. É a temporalidade, ou melhor, a longa duração que ele opõe à concepção de história econômica praticada por Frédéric Mauro e Pierre Chaunu:

A nova história econômica e social coloca no primeiro plano da sua investigação a oscilação cíclica e ela reflete sobre sua duração: ela é tomada por uma miragem e também pela realidade das elevações e quedas dos preços. Existe também, hoje, ao lado da narração (ou do recitativo tradicional) um recitativo da conjuntura que se debruça sobre o passado a partir de grandes parcelas: cerca de dez, vinte ou cinquenta anos.

Mais além desse segundo recitativo se situa uma história de fôlego ainda maior, de amplitude secular neste caso: a história da longa, e mesmo da longuíssima duração. (Braudel, [1958] 1984b, p. 44–45, tradução nossa)

É justamente essa história longa, categoria própria dos historiadores, que serve de parâmetro para o contato com as ciências sociais. Essas considerações de Fernand Braudel, examinadas brevemente, mostram a preocupação em preservar um papel autônomo para a História, uma especificidade que a colocaria como portadora irredutível da totalidade das ciências humanas e sociais, sem capitular ao expansionismo das ciências sociais, seja a economia, no caso do primeiro texto, seja a sociologia e a antropologia, neste manifesto de 1958.

Considerações finais

Para Fernand Braudel, a defesa da história em face do avanço das ciências sociais era crucial. Resta saber se a confluência de uma abordagem cada vez mais próxima da economia por parte de Frédéric Mauro, no mesmo momento em que Braudel reexamina as possibilidades de diálogo com as ciências sociais, terá tido um peso decisivo na crescente independência de Frédéric Mauro em relação ao seu mestre. Contudo, se voltarmos às reticências dos historiadores que se debruçaram sobre a história da escola dos *Annales* em incorporá-lo como um de seus representantes, e mesmo se observarmos as críticas que sua tese de doutorado recebeu durante a defesa ou após sua publicação por seus conterrâneos, podemos ver que o viés mais econômico, ou economicista, apontado por seus críticos, foi sendo acentuado ao longo das décadas de 1950 e 1960.

Uma das razões desse alijamento, bem levantada por Laurent Vidal (2013), pode residir no fato de que os historiadores dos *Annales* foram cada vez mais se restringindo ao estudo da história da França ou da Europa, enquanto temas ligados a outros continentes ou realidades foram sendo deixados de lado. Nesse sentido, basta compararmos a trajetória de Mauro com a de Pierre Chaunu, que abandona definitivamente o estudo do mundo hispano-americano ainda nos anos de 1970, dedicando-se à demografia, à história da religião e às mentalidades, porém na maior parte dos casos centrados agora no território francês.

Para concluir, cito um documento inédito que se encontra no acervo de Frédéric Mauro na Biblioteca de La Rochelle⁹. Intitulado “*Quelques*

⁹ Agradeço a Guy Martinière pela indicação da localização do acervo e a Séverine

souvenirs de Fernand Braudel”, o manuscrito datilografado não traz data ou outra indicação da ocasião em que foi lido ou publicado. Contudo, presumo que seja da década de 1980.

Frequentemente tive a impressão de não compartilhar o mesmo interesse às mesmas coisas que Braudel. Eu acreditava quem sabe em uma história mais científica ou mais técnica que aquela que ele concebia e jamais tive um amor imoderado pela história social. Mas, sobre as grandes linhas de seu método, acredito ter sido um de seus mais ardentes defensores. Os que não compartilhavam meu ponto de vista o admitiam, talvez porque eu não representasse inteiramente a mesma família intelectual e espiritual de Braudel e isso os impelia a se abrirem a ele. Ademais, a própria abertura de espírito de Braudel fez com que os *Annales ESC* não tenham aparecido sob a bandeira de uma “história de esquerda” ou “de direita”, mas que os problemas que elas colocavam fossem muito além desta dicotomia ideológico-política, ainda que muito forte na França. Em suma, os *Annales* acabaram ganhando a partida. (Mauro, n. d., p. 6. tradução nossa)

Finalizamos, portanto, com essa afirmação da independência intelectual de Frédéric Mauro diante do programa historiográfico dos *Annales*.

Referências

- ALDEN, Dauril. Review of: *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe Siècle (1570-1670): étude économique*. By Frédéric Mauro. *The Journal of Economic History*, v. 22, n. 2, p. 280-282, 1962.
- BALHANA, Altiva Pilatti. Frédéric Mauro e os cursos de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. In: MARTINIÈRE, Guy (Org.). *Le Portugal et l'Europe atlantique, le Brésil et l'Amérique latine: mélanges offerts à Frédéric Mauro*. Lisboa; Paris: Fundação Calouste Gulbenkian: Diff. J. Touzot, p. 47-54, 1995.
- BESNIER, Robert. Note bibliographique de MAURO (FREDERIC) – *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle, 1570-1670*. *Revue économique*, v. 14, n. 6, p. 967-968, 1963.
- BOXER, Charles R. Shot notice of: *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe Siècle, 1570-1670: étude économique*. *The English Historical Review*, v. 77, n. 302, p. 153-154, 1962.

Boulaire, bibliotecária chefe da Biblioteca Universitária de La Rochelle, pela acolhida e pelas condições de trabalho excepcionais que me proporcionou durante a consulta ao material de Frédéric Mauro.

- BRAUDEL, Fernand. Pour une histoire sérielle: Séville et l'Atlantique (1504-1650). *Annales. Economies, sociétés, civilisations*, 18^e année, n. 3, p. 541-553, 1963.
- BRAUDEL, Fernand. Pour une histoire économique. In: BRAUDEL, Fernand. *Écrits sur l'histoire*. Paris: Flammarion, p. 129-137, 1984a. (Original publicado em 1950)
- BRAUDEL, Fernand. Histoire et sciences sociales: la longue durée. In: BRAUDEL, Fernand. *Écrits sur l'histoire*. Paris: Flammarion, p. 37-62, 1984b. (Original publicado em 1958)
- BURGUIÈRE, André. *L'École des Annales: une histoire intellectuelle*. Paris: Odile Jacob, 2006.
- BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales: 1929-1989*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- CHAUNU, Pierre. Brésil et Atlantique au XVII^e Siècle (Charles Ralph Boxer, *The Dutch in Brazil, 1624-1654*; Frédéric Mauro, *Le Portugal et l'Atlantique au XVII^e Siècle (1570-1670): étude économique*). *Annales: economies, sociétés, civilisations*, 16^e année, n. 6, p. 1176-1207, 1961.
- COUTAU-BÉGARIE, Hervé. *Le phénomène Nouvelle Histoire: grandeur et décadence de l'École des Annales*. Paris: Economica, 1989.
- DELUMEAU, Jean. Review of FRÉDÉRIC MAURO. *Le Portugal et l'Atlantique au XVII^e Siècle (1570-1670)*. *The Economic History Review, New Series*, v. 14, n. 2, p. 358-359, 1961.
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo, Bauru: Edusc, 2003.
- GEMELLI, Guiliana. *Fernand Braudel*. Paris: Editions Odile Jacobs, 1995.
- LAPA, José Roberto do Amaral. Resenha de: MAURO (Frédéric)– *Le Portugal et l'Atlantique au XVII^e Siècle, 1570-1670 (Étude économique)*. *Revista de História*, v. 26, n. 53, p. 271-272, 1963.
- MACHADO, Daiane Vaiz. *Por uma "ciência histórica": o percurso intelectual de Cecília Westphalen, 1950-1998*. São Paulo: ASSIS, UNESP, 2016 (Tese de Doutorado em História).
- MANCHESTER, Alan K. *Le Portugal et l'Atlantique au XVII^e Siècle (1570-1670)* by Frédéric Mauro. *The Journal of Modern History*, v. 33, n. 4, p. 433-434, 1961.
- MARTINIÈRE, Guy. *Contribution à l'étude de l'économie rétrospective du Brésil: essai d'historiographie*. Paris: Université Paris Nanterre, 1973 (Thèse de 3^e cycle).
- MARTINIÈRE, Guy (Org.). *Le Portugal et l'Europe atlantique, le Brésil et l'Amérique latine: mélanges offerts à Frédéric Mauro*. Lisboa, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Diff. J. Touzot, 1995.
- MAURO, Frédéric. O historiador em face das ciências sociais. *Revista de História*, n. 17, p. 229-232, 1954.
- MAURO, Frédéric. Science économique et science historique. *Revista da Faculdade de Ciências Econômicas*, ano 2, n. 2, p. 83-88, 1955.
- MAURO, Frédéric. *Le Portugal et l'Atlantique au XVII^e siècle: étude économique*. Paris: SEVPEN, 1960.

- MAURO, Frédéric. Théorie économique et histoire économique. MAURO, Frédéric. *Des produits et des hommes: essais historiques latino-américains, XVI^e –XX^e siècles*. Paris, Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, p. 3-28, 1972a. (Original publicado em 1958)
- MAURO, Frédéric. Pour un 'modèle intercontinental': l'expansion européenne outre-mer entre 1500-1800. In : MAURO, Frédéric. *Des produits et des hommes: essais historiques latino-américains, XVI^e –XX^e siècles*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, p. 49-71, 1972b. (Original publicado em 1961)
- MAURO, Frédéric. L'histoire, science de l'abstrait. In : Mauro, Frédéric. *Des produits et des hommes: essais historiques latino-américains, XVI^e –XX^e siècles*. Paris : Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, p. 29-41, 1972c. (Original publicado em 1962)
- MAURO, Frédéric. *Portugal, o Brasil e o Atlântico (1570-1670)*. Tradução Manuela Barreto. 2^a. Edição: Lisboa: Editorial Estampa, 1989.
- MAURO, Frédéric. *Quelques souvenirs de Fernand Braudel*. Fonds Frédéric Mauro. Bibliothèque Interuniversitaire de La Rochelle. Cote: 1 MAU 71. (Artigo datilografado sem data)
- MAZON, Brigitte. *Aux origines de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales: le rôle du mécénat américain: 1920-1960*. Paris : Cerf, 1988.
- NOWELL, Charles E. Review of: *Le Portugal et l'Atlantique au XVII^e siècle (1570-1670): étude économique* by Frédéric Mauro. *The American Historical Review*, v. 66, n. 3, p. 731-732, 1961.
- RECTORAT DE PARIS. Faculté de Lettres de Paris. Acte de soutenance de thèse de Frédéric Mauro. Archives Nationales de France. AJ/16/7108.
- SILBERT, Albert. Compte-rendu de Frédéric Mauro. *Le Portugal et l'Atlantique au XVII^e Siècle, 1570-1670: étude économique*. *Revue Historique*, t. 227, fasc. 1, p. 234-236, 1962.
- VAYSSIÈRE, Paul. Frédéric Mauro, historien des Annales. *Caravelle*, n. 78, p. 293-304, 2002.
- VIDAL, Laurent. Frédéric Mauro, historien du Brésil. In : MARTINIÈRE, Guy; MONTEIRO, Éric. *Les échanges culturels internationaux*. France, Brésil, Canada-Québec. Paris: Les Indes Savantes, p. 319-329, 2013.
- VIDAL, Laurent. L'itinéraire d'un historien de l'Amérique Latine. Entretien avec Frédéric Mauro. *Cahiers des Amériques Latines*, n. 28/29, p. 101-108, 1998.
- WESTPHALEN, Cecília Maria. Frédéric Mauro e a história quantitativa do Brasil. In: MARTINIÈRE, Guy (Org.). *Le Portugal et l'Europe atlantique, le Brésil et l'Amérique latine*: mélanges offerts à Frédéric Mauro. Lisboa ; Paris: Fundação Calouste Gulbenkian: Diff. J. Touzot, p. 55-61, 1995.